



COMISSÃO MATEMAS

COMISSÃO MATEMAS DOS INSTITUTOS BRASILEIROS CADERNOS 0.0

4 de outubro de 2001

Brasil

A Comissão Matemática foi criada na última conversa da EBP com o objetivo de elaborar as bases epistêmicas de um Instituto Brasileiro, que virá eventualmente unificar os quatro Institutos atualmente em atividade no Brasil.

Buscaremos contribuir para que os significantes que orientem esta reflexão sobre o Um do Instituto sejam aqueles articulados a uma conceituação consistente da relação entre Escola e Instituto do Campo freudiano, no sentido de sua depuração em matemática.

Consideramos ser uma condição fundamental que o trabalho de recenseamento de textos e de elaboração da comissão seja acompanhado concretamente pela Escola e que a partir daí seja possível a constituição de um espaço de reflexão e formação permanente de cunho nacional. Trata-se de mapear a organização dos atuais Institutos, levantar os textos sobre o Instituto e suas relações com a Escola, resenhá-los e articulá-los visando uma elaboração que oriente nosso esforço de reflexão. Esperamos que este trabalho torne possível a formulação de propostas práticas de funcionamento.

Vamos publicar, on-line, os "Cadernos da Comissão Matemática", que veicularão gradualmente os resultados do trabalho. Neste primeiro número, além de situar o uso dos Cadernos, percorremos um certo número de textos fundamentais buscando examiná-los sob o prisma da investigação em sua relação com o ensino da psicanálise. A partir de nossa leitura destacamos quatro eixos que organizam os resultados. Os dois primeiros se colocam sob forma interrogativa: 'Existe uma crise no ensino e na pesquisa da psicanálise?' e 'O que é uma investigação psicanalítica?' Os outros dois de forma afirmativa: 'O analista não deve se curvar à demanda de saber' e 'O analista deve propor soluções para a angústia de seu tempo'. Ao final deste número vocês encontrarão a lista de textos trabalhados, assim como links para os endereços de onde podem ser carregados.

ÍNDICE

1. Foucault, os hypomnemata
2. Crise no ensino e na pesquisa psicanalítica
3. O que é uma investigação?

4. O analista não precisa se curvar à demanda de saber

5. O analista propõe soluções para a angústia de sua época

6. Notas e Bibliografia

1. Foucault, os hypomnemata

Segundo Foucault, os hypomnemata, tal como os concebiam os gregos, eram "livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda". Eles acabaram sendo usados, entre um público cultivado, como livro de vida: "neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas: ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior. Formavam também uma matéria prima para a redação de tratados mais sistemáticos" [2] (p. 135).

Entendidos de outro modo que não como "simples auxiliares da memória", os hypomnemata traziam "material para se ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com outros", fato pelo qual deveriam ser trazidos "à mão", isto é, dever-se-ia "poder utilizá-los, logo que necessário, na ação". Tratava-se assim de constituir para si próprio "um equipamento de discursos" a que se podia recorrer.

Foucault nos adverte que, distinguindo-se de uma "narrativa de si mesmo", tratava-se, nas anotações, "de captar o já dito, de reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler e isto com uma finalidade que não é nada menos que constituição de si". Assim, estes Cadernos faziam da "recolecção do logos fragmentário e transmitido pelo ensino, a audição ou a leitura, um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio" (ibid. , 138) que os gregos concebiam no registro de uma ascese.

Extraindo esta relação de qualquer referência ao eixo egóico, poderíamos situá-la na tensão entre o valor creditado ao "já dito", à prática da citação, e o surgimento, não de um dito novo (pois todo dito é um "já dito"), mas de um dito com novo valor, que faz saber novo. A esta função de apoio ao dizer propõem-se nossos Cadernos.

2. Crise no ensino e na pesquisa psicanalítica

Freud explica. Assim o modernismo brasileiro registrava precocemente os efeitos do discurso analítico na cultura dos anos 30. Poderíamos hoje ser merecedores de tamanha consideração? Tamanha interlocução?

Devemos partir do que faz impasse na transmissão e no ensino daquilo que a psicanálise nos ensina. O impossível no ensinar, que Freud cedo decifrou, engendra inibição, sintoma e angústia. As fontes consultadas parecem vociferar que algo não age conforme ao desejo de Freud.

A muralha da linguagem, esteio do mal-estar na civilização, nos afasta do ideal pedagógico que supõe uma continuidade na relação professor-aluno, introduzindo a perspectiva do

malogro inerente a toda prática de ensino. O encontro com o fracasso pode se conectar, não com a impotência, mas com o impossível de ensinar – o que nos permite e exige, a cada encontro, reavaliar continuamente nossos métodos, jamais absolutos.

Em "Reflexões sobre a forma atual do impossível de ensinar" [3], Eric Laurent qualifica as dificuldades encontradas nas Seções Clínicas como uma das formas do impossível de ensinar, um fracasso que pode, inclusive, tomar a forma de um aparente sucesso. Este fracasso envolve de um lado a modalidade de demanda que os alunos passaram a dirigir aos analistas – a perigosa demanda de um saber técnico – e também a posição silenciosa que estes tomaram na tentativa de mostrar o que poderia ser o avesso do discurso universitário. Ou seja, para escapar da morte do pensamento produzida pela universidade naquele que Nietzsche chamava de "aluno-ouvinte", eles mesmos acabaram gozando na posição da preguiça, na morte do gozo silencioso.

Porquê mais e mais demandam ao analista este saber técnico, mas sobretudo, porquê o analista consente em produzir mais e mais respostas a esta demanda? Jorge Baños Orellana aborda as razões deste consentimento, materializado no exagero de produções ditas psicanalíticas, dividindo-as por geração. Entre os mais jovens avança o hábito monográfico e entre os mais velhos apresentações autodenominadas "trabalhinhos". Os mais jovens, prevendo seu futuro de empregados se perpetuam em cursos de pós-graduação universitária; os maiores, "por ter reduzido sua sociabilidade ao círculo psicanalítico, buscam aumentar sua exposição pública como analistas experimentados". Apesar de merecer respeito e justificação piedosa, diz Orellana, este proceder afeta o interesse pela psicanálise na cidade [1].

Lacan desde o início aponta o erro em que consiste reduzir Freud a palavras gastas e dedicou-se a estabelecer a relação passional que o saber entabula com o gozo. Há produções, inclusive de transmissão, que nada custam, ou seja, que nada valem. Não custam nem uma noite de vigília, nem a parcimônia que exige a disciplina de leitura. Não valem nem a atenção dos colegas mais queridos, menos ainda a dos ouvidos desconfiados. Pode-se ensinar sem que o que se ensina tenha sido vivido, reconhecemos ali a daninha burocracia que engole discurso. Também pode-se compreender algo e negar-se a transmiti-lo, avareza da Suficiência.

Recentes artigos de tecno-experts polemizam sobre a relação entre conteúdo e forma e culpam a idealização do software pela crise de conteúdos. No nosso campo, porém, tanto o "quê" quanto o "como" são fundantes de um estilo, única coisa que se transmite, quer se saiba ou não. A pergunta que fazemos é pois, interessa importar a crise para nosso campo? Em outros termos, que espécie de enunciados podemos produzir a partir do diagnóstico de "a crise [... da investigação em psicanálise...] está disfarçada de prosperidade" [1].

3. O que é uma investigação?

Se há algo que está na contramão da investigação em psicanálise é a resolução em apenas um clique que a época propõe. O trabalho de uma análise avança não somente às custas de um saber necessariamente vivido, mas também arrancado, com perseverança, do Outro. A função do saber somente responde a uma única motivação, sustentava Lacan, em sua dialética com o gozo. Um gozo vagaroso é exigido na hora de se deter dois, três, quatro ou vinte anos sobre um mesmo tema. Vide a persistência de Lacan em torno de Aristóteles, por exemplo, não de minúcia obsessiva, de rato de biblioteca, e sim de leitor aberto à

contingência, do odioenamoramento pelo tema perseguido que, diante de uma surpresa qualquer da leitura, pode virar perseguidor.

As investigações são independentes dos temas da moda, elas se resignam a estreitar um único tema ou alguns aspectos de um tema e a se demorar pacientemente nele oferecendo então "espetáculos desatualizados" em relação aos temas de jornadas e encontros. Além disso, as investigações são precisas. Os trabalhinhos abundam em citações que contam mais por sua aproximação com o poder do que com a verdade. As investigações, contrariamente, mantêm outro laço com a autoridade. Inclina-se mais ao resgate que à reverência, mais ao retorno às obras que à intimidade com os autores [1].

A investigação em uma análise é em si tratamento. O que seria uma investigação fora de uma análise, mas "em psicanálise?" Apoiando-nos no tripé dos saberes proposta por Jacques-Alain Miller para buscar um estatuto legítimo para uma investigação apoiada na clínica, apesar de desenvolvida no campo da psicanálise em extensão, vemos que esta investigação deve valorizar preferencialmente o saber literal com relação ao saber verdade e o saber universitário [5].

Poderíamos pensar que isto traria a ciência para o centro da cena, que isto promoveria uma psicanálise cientista. Acreditamos que basta que a experiência analítica seja atual, sempre renovada na vida e na prática do investigador, para que o real da psicanálise se mantenha no norte da investigação, na direção do ponto de fuga infinito em que matema e doxema, investigação e terapêutica confluem. Este é o ponto do objeto que, graças a esta prática original, abandona o infinito aristotélico, deixa de se localizar em um futuro longínquo ou em um corpo improvável e passa a se incluir na experiência de gozo atual do falasser [5].

Nossa breve investigação sobre a investigação em psicanálise peca por sua brevidade, coisa que a arrojaria rapidamente ao baú dos "trabalhinhos". Por outro lado, não há nó sem falha, é o objeto que tetiza a função da pressa; que a Comissão Matemas encontre ali seu fundamento.

4. O analista não precisa se curvar à demanda de saber

Em relação à demanda técnica que nos assalta, Eric Laurent alerta para o risco do isolamento da psicanálise quando simplesmente se diz "não" à demanda. Ele recorre à serenidade da qual falava Heidegger que orienta a "conservar o espírito aberto ao segredo", para dizer que é preciso dizer "sim" e "não" à demanda técnica, e assim presentificar a orientação lacaniana, de ensinar a partir do não-saber, de ensinar "o que a psicanálise ensina ao analista" [3].

Daí a importância dada por Lacan não somente ao conteúdo, mas ao modo de ensinar que melhor convém àquele que deverá transmitir como se lê o inconsciente. Se o inconsciente é tomado como um manual morto de psicologia, cujas significações já dadas independem da contribuição de cada um, estamos condenados a não sair do conformismo universitário e da morte do pensamento que separa saber e gozo.

Tratar o inconsciente e o saber como algo vivo requer dos seus praticantes não apenas o desafio de incluir a contribuição de cada um para manter viva a psicanálise no mundo, como também não perder de vista o não-saber. Desta forma toca-se o impossível de simbolizar que a experiência analítica ensina e que revela a dimensão viva de semblante do saber.

Ensinar a partir do não-saber não se confunde com a posição de preguiça, do gozo

silencioso; trata-se de criar lugares onde seja possível um debate consistente e vivo, cujo eixo seja o real mesmo da psicanálise. Circunscrever o objeto no interior do campo da psicanálise ou estabelecer o debate com as referências das disciplinas conexas exemplifica o que seria estruturar uma conversação ancorada no impossível.

Podemos assim ensinar a partir do não-saber e investigar a partir de um semblant de saber. Para tanto, Eric Laurent sugere duas vias: o estudo insistente de um texto ou de uma questão, o que permite estruturar a conversação; ou a apresentação crítica de um livro ou revista de destaque nas áreas de conexão. Nos dois casos, trata-se de trilhar um caminho nas bases da douta ignorância, preciosa nos tempos atuais onde tudo é possível [5].

A ignorância é uma paixão mais verdadeira do que o desejo de saber já que esse último se endereça ao Ideal. Uma "atmosfera de paixão" não pode se organizar em torno de um desejo de saber; organiza-se em torno de uma busca, o que é uma outra coisa, mais próxima da investigação psicanalítica. Se, para ensinar psicanálise "deve-se decepcionar a demanda de saber do modo certo" (cf. Palomera citado por Laurent) a pesquisa em psicanálise deve ir ao encalço do saber pelo caminho errado (inusitado, absurdo).

Para Laurent, assim como no amor é impossível amar dando aquilo que se tem, do mesmo modo, não há ensino se não se inclui aí o não-saber. Do mesmo modo poderíamos propor que não inclua um saber prévio, não provisório, ao modo das experiências científicas, mas saber modelo, saber semblant. "O saber ensinado deveria sempre incluir aquele que o enuncia, tal como uma interpretação deve incluir a enunciação" [5]. Poderíamos acrescentar que o saber construído em uma investigação deveria sempre incluir o caminho percorrido?".

5. O analista propõe soluções para a angústia da sua época

A psicanálise tem que transmitir e conseguir ensinar que o real é produtivo a partir de seus próprios recursos. O que tem que se examinar são os resultados produzidos pela psicanálise. O que a psicanálise nos ensina é que, o que Nietzsche chamava o vivo na língua, pode ser tomado no sentido sexual, 'jouissance' [3].

Se tantos jovens estudantes querem ter uma psiquê, querem ter um funcionamento mental e querem saber sobre isso, é porque querem aliviar-se da angústia de pensar gerada pela ideologia de supressão do sujeito. Cabe a nós tratar de transformar a demanda social do mental, em uma demanda de psicanálise, que não supõe a necessidade de um mental.

Podemos concorrer com outros para chamar a atenção dos estudantes "bachatários", ou seja, aqueles que têm bacharelado e são celibatários. Celibatários porque ainda não se casaram com uma teoria, não encontraram a solução para o alívio da angústia. É parte da tarefa do ensino em psicanálise tratar de obter soluções para a angústia de uma época.

Nossa tarefa é inventar e ser eficaz na interpretação dos sintomas sociais da demanda que se dirige ao saber que permite manter viva a teoria e a prática que ensinamos. Dentro desta proposta, Laurent nos apresenta o Instituto como um lugar para acolher os efeitos do que produzimos, um instrumento para verificar que somos uma "boa seita" e que com nossas pesquisas chegamos perto de produzir estas novas interpretações, ficções para o mundo atual [4].

Assim como precisamos de uma instituição para verificar a maneira como tratamos o

inconsciente, precisamos do Instituto como instrumento para verificar a maneira como tratamos o saber explícito que se pode retirar da prática da análise.

Deve-se arriscar a pele, isto é, se incluir no que se diz e produzir algum efeito de saber operativo. Contudo isso não basta. Tal como o mestre Zen, temos que assumir que não há receita que pareça bastar. Produzir um saber vivo não é uma receita, mas uma orientação que cada um terá que realizar a seu modo. Uma reflexão lúcida e impiedosa sobre a velha parceria pedagógica "das formas e dos conteúdos" se impõe no nosso campo. Sentemo-nos a tecer, senhores.

6. Notas

[1]BAÑOS ORELLANA, Jorge, "Sobre a investigação", em El caldero de la escuela N° 50, Buenos Aires, 1997.

[2] FOUCAULT, Michel, "A escrita de si", O que é um autor?, Lisboa, Edições 70, 1983, pp. 128-160.

[3]LAURENT, Eric. Lo imposible de enseñar, Conferência no Instituto Clínico de Buenos Aires, 1999 (inédito /notas manuscritas)

[4] LAURENT, Eric Reflexões sobre a forma atual do impossível de ensinar, 21 de setembro de 2000, Escrito para a reunião dos coordenadores das seções clínicas francofônicas.

[5] LAURENT, Eric "Three points on the formation of the psychoanalyst". 17-11-2000/QUARK, The Bollettino Électronique de AMP-UQBAR, n° O, fev. de 2001.

[6]MILLER, Jacques-Alain: "El triângulo de los saberes", em Freudiana no25, 1999, pp. 13-19.

Para este primeiro número a Comissão resenhou e discutiu os textos mencionados nas notas; todas as resenhas e textos citados estão disponíveis num site especialmente criado para tal fim.

<http://br.groups.yahoo.com/group/bibliotecamatemas/files>

Comissão Matemas:

São Paulo

Maria Josefina Sota Fuentes

Márcio Peter Leite

Bahia:

Marcela Antelo

Marcelo Veras

Minas Gerais:

Márcia Rosa

Jésus Santiago

Rio De Janeiro:

Ana Lucia Lutterbach-Holck

Marcus André Vieira (coordenador)

* Ilustração de El Lissitzky